



MOSTRA CIENTÍFICA

18^o SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Reconhecer o outro: subjetividade e humanização nas reportagens de fôlego da Agência Eco Nordeste¹

Sebastião Rocha ARAÚJO²

Alexandre Zarate MACIEL³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz (MA)

Resumo

O presente artigo é resultado da análise de três reportagens de fôlego produzidas pela Agência de Conteúdo Eco Nordeste, veículo de mídia independente. Para a análise foram consideradas as fontes comuns, especializadas e oficiais a fim de identificar como a subjetividade (Moraes, 2019) e a humanização (Ijuim, 2017) contribuíram para a narrativa e a contextualização do tema central. As conclusões apontam a importância da pluralidade de vozes no jornalismo independente e como elas auxiliam na abordagem de temáticas de cunho social e de direitos humanos.

Palavras-chave: jornalismo independente; humanização; subjetividade; Agência de Conteúdo Eco Nordeste; fontes comuns.

Introdução

Neste artigo, apresentamos e debatemos o processo de humanização e a pluralidade de vozes das fontes jornalísticas com base nos dados obtidos a partir da análise de três reportagens produzidas pela Agência de Conteúdo Eco Nordeste, veículo de mídia independente do Ceará. A análise é parte integrante do projeto “Reportagem de Fôlego Social no jornalismo independente do Nordeste”, realizado pelo grupo de pesquisa Jornalismo de Fôlego, vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz.

A proposta do projeto é mapear e identificar as mídias jornalísticas da região Nordeste do Brasil que atuam de forma independente e se dedicam à produção de

¹Trabalho apresentado no 18º SIMCOM - 18º Simpósio de Comunicação da Região Tocantina.

²Estudante de graduação no Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz. Integrante do grupo Jornalismo de Fôlego. E-mail: sr.araujo@discente.ufma.br

³Professor Doutor do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz e orientador do trabalho. Coordenador do grupo Jornalismo de Fôlego. E-mail: alexandre.maciel@ufma.br



MOSTRA CIENTÍFICA

18^o SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

reportagens de fôlego voltadas para temas de âmbito social e de direitos humanos. A análise desses veículos visa compreender como esses temas são abordados e descritos no âmbito local em que são produzidos, a contribuição da diversidade de fontes orais, sobretudo as comuns, para o contexto da reportagem, o processo de humanização e o que revelam as fontes documentais e as fotografias.

Para este trabalho, a primeira reportagem analisada, intitulada “Mulheres quilombolas são linha de frente da resistência ao racismo ambiental em SE”, relata a resistência das comunidades quilombolas de Brejo Grande, Brejão dos Negros, Carapitanga, Santa Cruz e Resina, localizadas no estado de Sergipe, diante das ameaças que afetam tanto o meio ambiente quanto a atividade pesqueira exercida pelos moradores. Publicada em 13 de julho de 2022, a reportagem foi produzida pela equipe composta por Agatha Christie Silva, jornalista, e Vinicius Oliveira, responsável pelas fotografias. A jornalista elaborou a matéria com a bolsa de jornalismo fornecida pela ClimaInfo, com o apoio financeiro do Instrumento de Parceria da União Europeia com o Ministério Federal Alemão para o Meio Ambiente, Conservação da Natureza e Segurança Nuclear (BMU) no contexto da Iniciativa Climática Internacional (IKI).

Redigida em formato de vivência e intitulada de “Dos portos aos morros: a face do racismo ambiental em Recife e Salvador”, a segunda reportagem analisada aborda o racismo ambiental em duas capitais do Nordeste brasileiro: Recife, em Pernambuco, e Salvador, na Bahia. Esta reportagem foi publicada em 18 de setembro de 2023, com texto e fotografias de autoria do jornalista Victor Moura. O repórter teve o financiamento do edital “Bolsas de Reportagem: Justiça Climática”, promovido pela Associação de Jornalismo Digital (Ajour), com apoio do Instituto Clima e Sociedade (iCS), para a produção dessa matéria.

De autoria da jornalista Maristela Crispim e com fotos do repórter fotográfico Mano de Carvalho, a terceira reportagem analisada é intitulada de “Do *ka' kiriri* à *ka'püer*: o lugar silencioso que foi mata branca e hoje é capoeira”. Esta matéria foi publicada em 25 de outubro de 2021 e aborda os impactos das mudanças climáticas no Cariri paraibano, destacando o processo de desertificação que tem afetado a região do semiárido. É uma reportagem que traz conteúdo científico, no entanto, nota-se que a



repórter prezou para que todas as informações fossem repassadas ao leitor de forma sucinta e de fácil compreensão. A reportagem foi produzida a partir de uma expedição científica na região do Cariri paraibano, coordenada pelo professor doutor Bartolomeu Israel de Souza, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Características essenciais do jornalismo independente

A Agência de Conteúdo Eco Nordeste é uma iniciativa de jornalismo independente que atua na região Nordeste do Brasil e produz conteúdos que visam contribuir com o desenvolvimento sustentável, levando em consideração os aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais das populações que vivem nos nove estados da região.

As reportagens produzidas pela Agência Eco Nordeste possuem ênfase em retratar a realidade e os desafios vividos pelos povos indígenas, quilombolas, sertanejos e comunidades tradicionais, ribeirinhas e litorâneas. Esse modelo de reportagem a diferencia da mídia tradicional que, por vezes, negligencia ou não atribui a devida relevância às questões de temática social e de direitos humanos.

Ao abordar tais temas, podemos situar esse veículo de mídia dentro do quadro de iniciativas que produzem o que conhecemos como jornalismo independente. O jornalismo é considerado independente quando é “realizado sem vinculação econômica ou editorial a grandes grupos empresariais, na perspectiva de contraposição à mídia convencional” (Lima, 2013 *apud* Reis, 2017, p. 194).

O jornalismo independente é marcado pela contextualização, pelo aprofundamento e por ser produzido com tempo mais dilatado, assumindo o caráter de jornalismo de fôlego voltado para a apresentação de temas sociais que não evidenciados nos grandes veículos da mídia tradicional, a fim de provocar o debate e o questionamento sobre tais problemáticas. De acordo com Sousa e Freitas (2020, p. 4), “o reconhecimento das questões racial, de gênero e indígena, ainda que com atraso, é um exemplo dos efeitos desse movimento contra hegemônico no âmbito das discussões mundiais no campo dos direitos humanos”.



Somado a isso, o jornalismo independente ainda se destaca pela presença de duas características essenciais para o processo de apuração e checagem da reportagem: a subjetividade e a humanização. Para que haja um jornalismo íntegro, que abranja todas as particularidades de um tema recorrente e que amplie as vozes de todos os personagens participantes da notícia, é necessário recorrer à subjetividade como uma “ferramenta importante na busca pela produção de representações mais integrais sobre pessoas e grupos” (Moraes, 2019, p. 207).

Nesse sentido, também se faz necessário partir de um jornalismo mais humanizado, isto é, aquela prática profissional que possa “reconhecer o Outro” (Ijuim, 2017) sem exercer uma apuração estereotipada ou discriminatória. A reprodução de estereótipos dentro do âmbito jornalístico corrobora para que os acontecimentos sejam encarados como “coisas” e sejam reduzidos a fatos que não reportam a vida nem a realidade. Segundo Ijuim, o jornalismo torna-se desumanizado “(i) quando caricaturiza o ser humano, (ii) quando ignora a complexidade do fenômeno, (iii) quando não reconhece o Outro” (2017, p. 236).

Para entender as características que compõem as reportagens de fôlego analisadas a seguir, foi adotada a Análise Temática (Braun & Clarke, 2006), técnica qualitativa aplicável com uma variedade de abordagens teóricas e epistemológicas. Braun e Clarke (2006, p. 3) a definem como “uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, que pode potencialmente fornecer um conjunto rico e detalhado, ainda que complexo, dos dados”. O foco se deu na análise do equilíbrio ou preponderância das falas das fontes comuns, especializadas e oficiais, a estrutura textual da reportagem e apresentação contextualizada e didática dos temas centrais.

Vozes de resistência

Na reportagem 1, “Mulheres quilombolas são linha de frente da resistência ao racismo ambiental em SE”, destacam-se as figuras de três mulheres quilombolas, Dona Deca, Cida e Izaltina, que são ativas na luta pela preservação das comunidades tradicionais em que vivem. Assim como o posicionamento de dois pescadores, Eneias e Seo Domenício, que expressam as suas indignações frente ao que as comunidades



MOSTRA CIENTÍFICA

18^o SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

enfrentam devido à degradação ambiental. A reportagem também traz enfoque para a multinacional ExxonMobil, confrontando os pronunciamentos da empresa com as falas dos moradores das comunidades quilombolas.

Localizado no litoral norte do estado de Sergipe, o município de Brejo Grande abriga cinco comunidades quilombolas: Brejo Grande, Brejão dos Negros, Carapitanga, Santa Cruz e Resina. Temos na primeira parte da reportagem, a apresentação de três mulheres quilombolas que estão à frente da defesa de seus territórios em cada uma das comunidades às quais pertencem. Dona Deca (Maria José Bezerra dos Santos) é da comunidade remanescente de quilombola em Brejo Grande, Cida (Maria Aparecida Vieira Xavier), da comunidade de Resina e Maria Izaltina do Quilombo Santa Cruz. Apresenta-se, também, o envolvimento de cada uma dessas mulheres no processo de reconhecimento de suas localidades como território quilombola.

A repórter visa apresentar aos leitores os problemas que as cinco comunidades têm enfrentado. Em especial, o racismo ambiental e a exploração de petróleo na Bacia de Sergipe e Alagoas, realizada pela empresa multinacional ExxonMobil. Na reportagem, é destacado o histórico da empresa com desastres ambientais e como isso gera preocupação nos moradores. Para enfatizar essa preocupação, são apresentados e confrontados os contrastes entre as informações fornecidas pela ExxonMobil em seu Relatório de Impacto Ambiental (Rima) e a opinião das fontes especializadas, que analisaram e apontaram incoerências entre esse documento e a realidade vivida pelas comunidades, principalmente pelos pescadores.

A repórter traz ao leitor os pronunciamentos da ExxonMobil, feitos por meio de sua assessoria de comunicação, nos quais a empresa responde aos questionamentos e acusações feitos a ela. A empresa também é enfática em afirmar o seu compromisso com a preservação do meio ambiente e o seu interesse pelo treinamento de pescadores e pela escuta dos moradores das comunidades tradicionais. Estes pronunciamentos são rebatidos pelas falas das fontes comuns e especializadas utilizadas ao longo da reportagem.

Temos ao todo cinco fontes comuns e três fontes especializadas que são unânimes em destacar que o território quilombola de Brejo Grande sofre diretamente os



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

impactos da degradação ambiental. As fontes comuns são moradores das comunidades já citadas e que atuam de forma ativa na luta contra o racismo e a destruição ambiental e a favor da preservação dos costumes tradicionais locais e da atividade pesqueira.

As fotografias utilizadas na reportagem ajudam os leitores a criarem familiaridade e terem uma compreensão mais nítida tanto dos personagens que estão no centro da notícia como do local sobre o qual está sendo narrada. É interessante observar que as fontes comuns não são apenas descritas textualmente. Com as fotografias é possível criar uma identificação com a pessoa que está sendo citada e visualizar com clareza a quem pertence a história que está sendo contada.

Ao longo da reportagem, a repórter também opta por apresentar trechos de pesquisas e de documentos que abordam desde a origem do termo racismo ambiental até o movimento de resistência liderado por entidades nacionais e internacionais perante as consecutivas ações de degradação ambiental que acometem o litoral norte do Estado de Sergipe. As fontes documentais utilizadas endossam as falas dos moradores das comunidades atingidas e confrontam as divergências encontradas no Rima e nos pronunciamentos feitos pela ExxonMobil.

Desastres ambientais em capitais nordestinas

Partindo de uma observação da realidade local em Recife, na reportagem 2 “Dos portos aos morros: a face do racismo ambiental em Recife e Salvador”, o repórter atenta para as questões socioambientais que afetam a Zona Norte da capital pernambucana. Ao apontar os dados que contabilizam as cidades brasileiras com maior população em áreas de risco de desastres naturais, a reportagem traz Salvador em primeiro lugar e Recife em segundo. As duas cidades foram portos de movimentação de tráfico negreiro no Brasil e Salvador, primeira capital do país, é considerada como a cidade mais negra fora da África.

A primeira parte da reportagem aponta para questões ambientais relevantes e preocupantes no Recife, terceira área mais movimentada de tráfico negreiro entre os séculos XVI e XIX, destacando os impactos ainda presentes do deslizamento de terra na encosta entre maio e junho de 2022, que registrou o total de 50 mortos, na Zona Norte



da cidade. Em Recife, a reportagem gira em torno do Alto Santa Terezinha e do morro Linha do Tiro.

Na reportagem são relatados os sentimentos causados pelos traumas nos adultos e crianças que vivenciaram as tragédias provocadas pelas chuvas ou que perderam familiares em decorrência dos deslizamentos e soterramentos. Ressalta-se a ajuda da própria comunidade em socorrer os atingidos pelos deslizamentos, bem como os protestos dos moradores em relação à dimensão política no âmbito ambiental e habitacional.

O repórter utiliza as falas registradas na dissertação de mestrado da antropóloga Flora Clarissa para apontar os fatores que contribuem para as tragédias ocorridas e as suas consequências. Além do fator natural da chuva e da falta de política de moradia, destaca-se a competitividade entre moradores que querem a atenção pública para si. Segundo o jornalista, “um acirramento que cresce com a falta de transparência em relação aos critérios de escolha sobre qual casa, área ou comunidade tem maior necessidade de proteção” (Moura, 2023).

O uso de fontes especializadas nessa reportagem ajuda o leitor a ter uma noção mais precisa sobre os fatores que contribuem para a ocorrência de deslizamentos de terra em áreas de risco. Bem como aponta para a ausência de políticas públicas que atendam à demanda de moradia digna aos moradores tanto de Recife quanto de Salvador. O repórter traz o depoimento da pesquisadora Regina Alvavá, que denota que os deslizamentos não são apenas resultado das chuvas mas, também, da ação humana de ocupação desordenada, consequência da ausência da política de moradia.

Na segunda parte da reportagem, já em Salvador, que abrigou o segundo porto mais movimentado de tráfico negreiro entre os séculos XVI e XIX, o jornalista traz os dados sobre a quantidade de pessoas autodeclaradas pretas ou pardas e a disparidade salarial entre pretos e brancos na capital baiana. Salienta, ainda, o processo de “desterritorialização” vivido no Alto da Sereia, comunidade registrada como quilombola pelo estado da Bahia, local onde houve o desabamento parcial de um imóvel e a interdição de outras sete casas, em maio de 2018.



MOSTRA CIENTÍFICA

18^o SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Ressalta que o Brasil passou a preocupar-se com a prevenção de desastres socioambientais há 12 anos. O repórter apresenta as semelhanças e as diferenças entre Recife e Salvador com relação às medidas tomadas para a prevenção de desastres naturais. Destaca a ação do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) em alertar sobre os riscos das chuvas em Recife e o treino preventivo de evacuação de áreas de risco realizado pela Defesa Civil de Salvador (Codesal).

Entre as fontes especializadas, há a participação da geógrafa Jilvana Ferreira, que estuda a contribuição do racismo na manutenção dos deslizamentos ocorridos em Salvador e as ações e omissões do Estado e das instituições que fomentam o racismo de forma velada, ao tentar desvincular a falta de assistência de direitos básicos e os desastres nas áreas de risco.

Os fatores destacados pelas fontes especializadas ganham força à medida que o repórter insere os depoimentos dos personagens comuns na matéria. Observa-se que foram entrevistados dois moradores do Alto Santa Terezinha, em Recife, duas do Alto da Sereia, em Salvador, e duas outras do bairro Calabetão, em Salvador. Os relatos expostos pelas seis fontes comuns apresentam um quadro de medo e preocupação por conta das chuvas, mas, também, de indignação diante da falta de assistência da Defesa Civil e da administração municipal.

O repórter dá enfoque ao Coletivo Calabeteiras, grupo composto por mulheres do bairro Calabetão, e a preocupação delas em realizar ações solidárias e promover políticas públicas que auxiliem essas moradoras em áreas de risco. O repórter apresenta a realidade dos bairros visitados na companhia de integrantes do Coletivo Calabeteiras. Nota-se que entre os moradores entrevistados em Salvador, também há o medo com relação às chuvas, embora haja a conscientização maior por parte da população e da Prefeitura e do Estado.

A reportagem conta com cerca de 12 fontes documentais, que auxiliam o repórter a embasar as suas pesquisas sobre a problemática das áreas de risco em Recife e em Salvador. É importante observar que o repórter preza por utilizar dados históricos e atualizados para fazer o leitor entender a gravidade do problema vivido nas duas



idades. O repórter recorre a reportagens, dissertações e trabalhos de conclusão de curso que abordam os temas de desastres ambientais e o racismo ambiental como forma de voltar a atenção do leitor para o quanto essas temáticas já foram e estão sendo debatidas em diferentes vieses.

Ressalta-se que o repórter utiliza a Lei de Acesso à Informação (LAI) para conseguir respostas de fontes oficiais. Assim, registra os posicionamentos da Prefeitura do Recife, a Defesa Civil de Salvador e o Governo do Estado de Pernambuco sobre questões relacionadas aos investimentos em urbanização das áreas de risco e políticas de prevenção em áreas vulneráveis a deslizamentos de terra em Recife e a respeito do recorte racial dos moradores em áreas de risco em Salvador.

Crise climática e desertificação no Cariri paraibano

A reportagem 3 “Do *ka’ kiriri* à *ka’pûer*: o lugar silencioso que foi mata branca e hoje é capoeira” inicia trazendo ao leitor os dados do estudo que afirma que a crise climática é causada pela influência humana. Produzida a partir de uma expedição científica no interior da Caatinga, é possível perceber que a repórter fez uma apuração cautelosa de cada detalhe do ambiente em que estava inserida a ponto de descrever com detalhes os diversos sons que podem ser ouvidos no “lugar silencioso”.

Na matéria, são apresentados quatro agricultores: Antônio Francelmo (Selminho), Vinícius Fernandes, Paulo Jorge Fernandes e José Canário Neto. Os três primeiros têm suas propriedades próximas a fontes de água e, com isso, conseguem manter o cultivo agropecuário. O último deles e sua família não dispõem do mesmo recurso. A repórter destaca que a população que vive em cada um dos 29 municípios do Cariri paraibano dá lições de sobrevivência e cita exemplos de como as famílias se mantêm exercendo atividades econômicas fora da zona rural.

O tema central dessa reportagem é o processo de desertificação sofrido na região do Cariri paraibano e como a crise climática tem influenciado essa ação. O fotógrafo dessa reportagem registrou imagens tanto dos locais desertificados e dos locais com vegetação verde quanto de momentos específicos em que a repórter descreve o ambiente e a natureza em volta.



Diante disso, vemos que a repórter recorre com frequência, ao longo do texto, às citações de falas e dados de estudos de fontes especializadas para assinalar aos leitores a gravidade e as soluções possíveis para a problemática que está apontada na matéria.

Além das fontes comuns e especializadas que foram ouvidas, a repórter também faz uso de fontes documentais que reforçam a afirmação de que as ações humanas contribuem para o aumento das mudanças climáticas. A utilização dessas fontes servem de apoio para as colocações feitas pelas fontes especializadas, principalmente, em relação aos impactos da degradação do solo e ao panorama de desertificação no Cariri paraibano.

Equilíbrio das fontes nas reportagens

Ao compararmos as três reportagens produzidas pela Agência de Conteúdo Eco Nordeste podemos perceber que as equipes responsáveis por cada matéria optaram por desenvolver suas pautas focando em narrar os fatos a partir dos personagens que são afetados de forma direta pela problemática que está sendo noticiada. De maneiras distintas, em cada reportagem, os jornalistas adicionam as falas de fontes especializadas e oficiais conforme a necessidade de esclarecimentos e opiniões de profissionais vai surgindo.

A tabela 1 mostra a quantidade de fontes comuns, especializadas e oficiais que foram ouvidas em cada uma das reportagens analisadas.

Tabela 1 – Quantidade de fontes jornalísticas

	Fontes comuns	Fontes especializadas	Fontes oficiais
Reportagem 1	5	3	1
Reportagem 2	6	3	3
Reportagem 3	4	5	Não consta

Fonte: elaborado pelo autor

A reportagem 1 é construída a partir das falas das fontes comuns. A jornalista iniciou a matéria apresentando individualmente três mulheres que compõem a linha de



MOSTRA CIENTÍFICA

18^o SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

frente da defesa do território quilombola em que estão suas comunidades. Além de citar os nomes, é apresentado ao leitor: a idade dessas mulheres, as comunidades em que elas moram e como contribuíram para o reconhecimento como território quilombola, a função delas dentro das comunidades, as suas famílias, a história de vida de cada uma e uma fotografia em que o leitor pode verificar quem é a pessoa descrita pela repórter.

Outros dois moradores ativos na luta contra o racismo ambiental e a degradação ambiental nas comunidades quilombolas do município de Brejo Grande (SE) são nomeados ao decorrer da reportagem 1, totalizando cinco fontes comuns. Soma-se a isso, a presença de três fontes especializadas que apontam e avaliam as inconsistências presentes no Relatório de Impacto Ambiental (Rima) fornecido pela empresa multinacional ExxonMobil.

Há concordância entre os fatos relatados pelas fontes comuns e especializadas em detrimento das falas da assessoria de comunicação da empresa de exploração de petróleo. A única fonte oficial identificada na reportagem 1 é a assessoria de comunicação que a ExxonMobil utilizou para prestar esclarecimentos acerca das reclamações dos moradores e dos contatos feitos pela equipe da Agência Eco Nordeste que produziu esta reportagem.

Na reportagem 2, observa-se que, em Recife (PE), foram entrevistados dois moradores do Alto Santa Terezinha e, em Salvador (BA), outras duas moradoras do Alto da Sereia e duas do bairro Calabetão. Os relatos feitos por essas seis fontes comuns apresentam um quadro de medo e preocupação oriundos dos desastres provocados pela chuva mas, também, há um sentimento mútuo de indignação diante da falta de assistência da Defesa Civil e da administração municipal.

As três fontes especializadas que foram ouvidas contribuíram para que o leitor pudesse ter a clara noção sobre os fatores que favorecem a ocorrência dos deslizamentos em áreas de risco, como é o caso do Alto Santa Terezinha, do morro Linha do Tiro, do Alto da Sereia e do bairro Calabetão, relatados ao longo da matéria. As fontes especializadas também apontam para a ausência de políticas públicas que atendam à demanda de moradia digna aos moradores de Recife e de Salvador.



Esses fatores destacados ganham força na medida em que o repórter cria um diálogo entre as falas das fontes comuns e especializadas. Para tanto, nota-se que, devido ao fato de a reportagem ter sido escrita em primeira pessoa do singular, o repórter age como narrador-personagem. Ele está inserido no contexto narrado e percorre os morros de Recife e de Salvador em busca de personagens que, assim como ele, morem nos morros que sofrem pelos deslizamentos das encostas e pelas chuvas intensas e desejam expressar opinião diante da realidade vivida.

Em contrapartida, o repórter recorreu à Lei de Acesso à Informação (LAI) para conseguir respostas das três fontes oficiais identificadas na reportagem 2: a Prefeitura do Recife, a Defesa Civil de Salvador e o Governo do Estado de Pernambuco. As fontes oficiais forneceram informações sobre questões relacionadas aos investimentos em urbanização das áreas de risco e políticas de prevenção em áreas vulneráveis a deslizamentos de terra em Recife e sobre o recorte racial dos moradores em áreas de risco em Salvador.

A reportagem 3 foi produzida como resultado de uma expedição científica no Cariri paraibano e, diferente das reportagens 1 e 2, não consta de fontes oficiais. Como se trata de uma expedição científica, a repórter teve tempo maior para fazer apuração com as fontes especializadas que estavam presentes ao longo do percurso, bem como ouvir as propostas de intervenção e recuperação da Caatinga.

Nota-se, como mostra a tabela 1, que a presença de fontes especializadas é maior que a de fontes comuns. Embora citadas no início da matéria, as falas das fontes comuns são organizadas de forma expressiva apenas no terceiro subtópico da reportagem, no qual eles relatam as maneiras como lidam com as dificuldades da seca na região e como fazem para garantir as suas rendas.

Dentre as seis fontes especializadas, a repórter recorreu, com frequência, às falas do professor Bartolomeu Israel de Souza, coordenador da expedição, para aprofundar o contexto geral em que estava acontecendo a reportagem. Além do docente, os demais pesquisadores que compunham a equipe também trouxeram contribuições sobre o tema, a aplicação de conceitos e de métodos que estavam sendo utilizados para realizar a pesquisa nas áreas atingidas pela degradação.



Considerações finais

A Agência de Conteúdo Eco Nordeste tem produzido reportagens aprofundadas com temáticas de cunho social, enfatizando questões que são pouco debatidas nos grandes veículos da mídia tradicional. A abordagem desse veículo independente revela o compromisso com a humanização e a valorização da pluralidade de vozes.

Sem subjetividade e humanização, as três reportagens analisadas seriam reduzidas aos fatos noticiados e não teriam o aprofundamento necessário para gerar debate e questionamentos entre o público leitor. O diferencial de um veículo de mídia independente é a capacidade de ir além da superfície da notícia e apurar com precisão todos os detalhes que são importantes para a pauta que está sendo produzida.

Como vimos, a presença das fontes comuns e especializadas nas reportagens analisadas ajudou a construir narrativas ricas, envolventes, subjetivas e humanizadas. Em nenhuma das reportagens há caricaturas ou reprodução de estereótipos dos personagens, no entanto, todas as fontes são identificadas com nome, idade, profissão e função social dentro da problemática noticiada. Além disso, por meio das fotografias utilizadas, o leitor pode conhecer o rosto da personagem e recordá-lo todas as vezes que a fonte é mencionada.

Desta maneira, o jornalismo realizado pela Agência de Conteúdo Eco Nordeste conecta os leitores com as experiências que são vividas pelos personagens de cada reportagem. A subjetividade utilizada pelos repórteres ao descrever os sentimentos, as reações e a história de cada fonte, auxilia o leitor e o próprio repórter a reconhecer o “outro” sobre quem está sendo noticiado. Esse entendimento de que a informação a ser transmitida não se limita ao fato, mas abrange também o contexto e as pessoas envolvidas direta e indiretamente, reposiciona os critérios de noticiabilidade e confere mais credibilidade ao jornalismo.

O jornalismo independente vai além da mera informação e das notícias rasas, contribuindo para evidenciar a importância de um olhar humanizado e crítico sobre a realidade. Demonstra, ainda, como a instituição jornalística pode ser um instrumento eficaz de transformação social.



MOSTRA CIENTÍFICA

18^o SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Referências

BRAUN, V., & CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology**. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101, 2006. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CRISPIM, Maristela. Do ka' kiriri à ka' pûer: o lugar silencioso que foi mata branca e hoje é capoeira. **Agência Eco Nordeste**, 25 de outubro de 2021. Disponível em: <https://agenciaeconordeste.com.br/do-ka-kiriri-a-kapuer-o-lugar-silencioso-que-foi-mata-branca-e-hoje-e-capoeira/>. Acesso em 5 jul. 2024.

IJUIM, J. K. Por que humanizar o jornalismo (?). **Revista Verso e Reverso**, Florianópolis, v.31, n. 78, p. 235-243, 2017. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, jan./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153247>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247>. Acesso em 14 jun. 2024.

MOURA, Victor. Dos portos aos morros: a face do racismo ambiental em Recife e Salvador. **Agência Eco Nordeste**, 18 set. 2023. Disponível em: <https://agenciaeconordeste.com.br/a-face-do-racismo-ambiental-em-recife-e-salvador/>. Acesso em 8 jun. 2024.

Agência Eco Nordeste. **Quem somos**. Disponível em: <https://agenciaeconordeste.com.br/quem-somos/>. Acesso em 3 nov. 2024.

REIS, Mariana. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Voze&Diálogo**. Itajaí, v. 16, n. 01, jan. /jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/download/9455/5791>. Acesso em 12 de junho de 2024.

SILVA, Agatha Christie. Mulheres quilombolas são linha de frente da resistência ao racismo ambiental em SE. **Agência Eco Nordeste**, 13 jul. 2022. Disponível em: <https://agenciaeconordeste.com.br/mulheres-quilombolas-sao-linha-de-frente-da-resistencia-ao-racismo-ambiental-em-se/>. Acesso em 29 de abril de 2024.



MOSTRA CIENTÍFICA

18^o SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

SOUSA, C. B.; FREITAS, V. G. Ponte Jornalismo e Alma Preta: mídia independente, direitos humanos e igualdade racial. **Esferas**, n. 18, p. 60-72, 23 nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.31501/esf.v0i18.11858>. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/11858>. Acesso em: 14 jun. 2024.